

Nem Impeachment Nem Quartelada



Gaudêncio Torquato (*)

Nem impeachment nem golpe. Essa é a conclusão deste analista político sobre o episódio que culminou com a saída dos comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica do governo Bolsonaro.

Os motivos são claros: as circunstâncias não propiciam o afastamento do presidente pela via congressual e nem uma quartelada com apoio dos quartéis para conferir ao mandatário a condição de ditador ou dar-lhe mais poder do que prescreve a carta constitucional.

Começamos com a leitura do momento em que vive o país. A pandemia que já ceifou a vida de cerca de 320 mil pessoas é uma gigantesca sombra que cobre a população, causando pavor e tolhendo seus movimentos, principalmente as grandes mobilizações populares. Sem povo, sem o clamor incessante da grita social, afasta-se o risco de impeachment, eis que os representantes costumam tomar decisões com um olho em seus interesses e outro nas ruas.

Ora, na seara dos interesses individuais e grupais, ao que se infere, as coisas caminham ao gosto do freguês, no caso o núcleo parlamentar que forma maioria nas casas congressuais. O Centrão avança todo tempo na roça governamental, ganhando cargos e posições e aumentando sua influência sobre o presidente. Bastou um recado no puro idioma franciscano - "os remédios são amargos" -, dado pelo presidente da Câmara, deputado Arthur Lira, para que o capitão aceitasse sua indicação para nomear a deputada Flávia Arruda (PL-DF) como ministra da articulação institucional.

O Centrão percebe que sua pressão gera efeitos junto ao Executivo. E usará esse método para calibrar sua caminhada até o pleito eleitoral de 2022, se não saltar do barco antes de borrascas que façam naufragar o transatlântico presidencial. Este, por sua vez, precisa do rolo compressor dos centralistas para evitar emboscadas e jogadas brutas do time parlamentar, principalmente da oposição, comuns em ciclos próximos ao pleito. Portanto, nos vãos da política, cabe fechar todos os buracos. No Senado, o estilo moderado de Rodrigo Pacheco parece não aceitar bombas de efeito demolidor, como impeachment.

Na área militar, teria havido uma operação traumática, longe, porém, de provocar sequelas de alto grau. Com a demissão dos

comandantes das Forças, Bolsonaro, sem querer, conseguiu torná-las mais unidas em torno de seu ideário funcional. Conversas com renomados nomes do Exército apontam para esta hipótese. O princípio constitucional que as torna instituições do Estado e não de Governo é o lume que guia e guiará as Forças. Não há clima, não há motivos, não há motivação, não há condição para qualquer gesto ou ruptura da letra constitucional.

Pensar diferente é ignorar a trajetória das FFAA no país. São profissionalizadas. O dilema que hoje enfrentam é o de ver inseridos na máquina governamental quadros da ativa. Não há objeção sobre a participação de militares da reserva na gestão pública. Mas há certo mal-estar com a entrada no Executivo de perfis ainda na ativa. O general Edson Pujol, ex-comandante do Exército, expressava com muita clareza seu ponto de vista sobre a politização das Forças. A César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Parecia dizer.

Bolsonaro tentou, sim, politizar as Forças, chegando, certa feita, a proclamar: "meu Exército". Com boa vontade, podemos, até, inferir que se referia à corporação onde serviu, o Exército. Mas o pronome abriga a ideia de que a Força lhe dá apoio, engaja-se ao bolsonarismo, é aliada de seu escopo. Nada mais errado. As três Armas dão suporte à Constituição e como instituições de Estado, preservam a *res publica* e todos os eixos que a sustentem.

A disciplina, sob a qual se instala a hierarquia, é regra inafastável das Forças Armadas. É o princípio que lhe confere respeito e admiração. Por isso, os militares procuram preservá-la, sob a crença de que se trata de um manto protetor. O critério de antiguidade, por exemplo, é norteador de decisões. O capitão Bolsonaro sabe muito bem disso. E o general Braga Netto, agora ministro da Defesa, sob o receio de aumentar as tensões, escolhe os três novos comandantes das Forças entre os mais antigos. Alívio geral.

Em suma, as frentes política e militar atuarão nesses tempos nebulosos sob o condão do bom senso, evitando que fogueiras acesas por oportunistas de plantão (dos lados da situação e da oposição) não provoquem incêndio nos pilares da República. Não alimentarão radicais. Essa é a leitura que nos afasta de impeachment e de quartelada.

(*) É jornalista, escritor, professor titular da USP e consultor político. Twitter@gautorquato

A transformação digital começa na cultura organizacional

O isolamento social e a obrigatoriedade do home office colocou a digitalização no centro das agendas corporativas, tanto para permitir que os colaboradores continuem a desempenhar suas funções remotamente com eficiência, quanto para atender às demandas dos consumidores

Davi Figueiras (*)

A pandemia acelerou entre dois e três anos os planos quinquenais das empresas em relação à transformação digital, segundo pesquisa recente da PwC, com 3.249 executivos de negócios e tecnologia de 44 países, entre eles, o Brasil.

Dentro das empresas, o Contas a Pagar é um dos setores que necessita de mudanças. Ainda hoje, a maioria das companhias segue modelos tradicionais, com controle de faturas com papel e caneta, sem nem mesmo o emprego de planilhas, e desconhecem os critérios de seus fornecedores, práticas que levam a perda de tempo, multas e cortes de serviços por inadimplência.

Mas transformar digitalmente o processamento de faturas não se trata apenas de robotização ou automação, e sim, da quebra de paradigmas. Significa modificar o jeito de fazer processos dentro das empresas. E essa transição para uma mentalidade digital envolve diversos aspectos, como a adaptação de um modelo tecnológico às particularidades de cada negócio e, principalmente, a adequação das pessoas a essa nova realidade. Assim, a principal transformação é cultural.

Devido ao atraso no setor, não é difícil encontrar cenários em que a companhia está despreparada para a automação e demora dois ou mais ciclos de faturas para se adaptar integralmente. Por isso, antes da implementação de ferramentas tecnológicas, é fundamental analisar e compreender o momento do negócio.



Somado a isso, faz parte da mudança cultural dar atenção à configuração da operação de cada empresa. Um grupo varejista, por exemplo, faz uma diferenciação entre as contas de luz, água e gás de lojas de shopping e de rua. Já uma construtora separa obra de estande e de condomínio pronto. Uma terceira, pode usar mais de um ERP, demandando um software com funcionalidades de integração. Em todos esses fatores, as pessoas são a chave para garantir a transição para uma mentalidade digital.

Mesmo assim, existem casos em que o profissional acostumado à rotina de monitorar, abrir e pagar faturas encontra dificuldade de enxergar a tecnologia como uma aliada. Neste contexto, reverter esse pensamento é essencial.

A solução é inseri-lo no processo

de implementação desde o momento zero para que sinta que tem domínio sobre o "novo jeito de fazer". Mais do que isso, é fazê-lo compreender que é co-criador de uma solução que trará melhores insights e resultados para seu time. Como a automação da coleta, monitoramento e análise de faturas conferem mais visibilidade para o Contas a Pagar, o resultado é: o colaborador que perdia tempo com tarefas manuais passa a usar sua expertise em funções mais analíticas.

O cenário incerto, iniciado com a pandemia no ano passado, serve de alerta para que as lideranças acelerem a transformação digital, e esse passo em direção ao futuro depende da valorização da potência humana.

(*) É Head de Transformação Digital da Guiando.

Vazamento de dados na internet: setores de saúde e educação são os mais afetados

O Brasil foi líder mundial em vazamento de dados pela internet, segundo uma pesquisa realizada pela Kaspersky, em 2020. Mas, até o momento, o ano de 2021 tem tudo para superar as estatísticas de violações e exposição ocorridas no ano passado. Somente nos dois primeiros meses do ano, foram três imensos vazamentos que já são considerados os maiores da história. Os episódios correspondem a mais de 220 milhões de dados que foram parar na deep web - a parte da internet que não pode ser encontrada por buscadores como o Google - totalizando 37 categorias expostas.

Os segmentos de saúde e educação são os principais alvos dos criminosos. Em geral, os ataques mais frequentes nesses setores são os de sequestro de dados ou ransomware. "Todas essas áreas têm muitos links nas suas cadeias de acessos e podem formar uma 'porta dos fundos' para hackers e brechas de segurança cibernética", diz Rafael Sapata, especialista em cibersegurança e fundador da UDS Tecnologia.



O acesso aos dados financeiros dos usuários é uma recompensa lucrativa, que rende valores bilionários ao mercado criminoso. Somente em 2020, após o início da pandemia, foi registrado um aumento de 238% com relação aos ataques.

Na área da saúde, informações relativas à previdência social e outros dados privados são ativos valiosos. Além de hospitais e planos de saúde, os criminosos estão de olho nos aplicativos diversos de healthtech e em plataformas de telemedicina.

Segundo Rafael, as empresas podem envolver os colaboradores para adotar, no dia a dia, algumas medidas simples

para proteger os dados. Ele lista, basicamente, três etapas importantes:

1. Orientar a equipe com relação ao comportamento digital durante o horário de trabalho: é importante não abrir e-mails e/ou anexos de fontes desconhecidas; não clicar em sites sem certificados de segurança ou redes wi-fi abertas, além de evitar o uso dos equipamentos para acessos pessoais.
2. No ambiente de trabalho, não mencionar senhas ou dados sensíveis com os colegas e, sempre que possível, deixar a tela do notebook bloqueada.
3. Usar, com frequência, as ferramentas de segurança: antivírus devidamente licenciado e atualizado e o VPN para acesso a dados corporativos e sensíveis.

Todas essas medidas ajudam a proporcionar um ambiente de trabalho seguro, mas, em caso de detecção de ataques à rede, um especialista deverá ser contatado com agilidade para solucionar os problemas.

News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Radix tem vagas abertas para estágio

@Treinamentos constantes e um trabalho próximo e atuante de mentoria com profissionais mais experientes da empresa fazem parte do dia a dia dos estagiários da Radix. Constantemente presente nas listas de Melhores Empresas para se Trabalhar, a Radix oferece diversas oportunidades para os novatos porque sabe que o grupo de universitários é a base dos profissionais que a empresa terá em um futuro próximo. Atualmente, 55% da liderança da Radix (coordenadores, gerentes e diretores) iniciaram na empresa como estagiários ou juniores. A empresa tem vagas abertas para estudantes que queiram atuar na área de tecnologia ou de product owner, e também está sempre divulgando oportunidades para seu banco de talentos. Para ingressar na Radix, acompanhe as vagas em <https://radix.gupy.io/>.

Europ Assistance e CEABS contratam e desenvolvem Jovens Aprendizes

@A Europ Assistance Brasil (EABR), multinacional líder em soluções de serviços e assistências, presente em mais de 200 países, e a CEABS, empresa do grupo líder no Brasil em soluções para roubo e furto, telemática e gestão de riscos e frotas, tem oportunidades para jovens talentos com interesse em iniciar sua carreira. A iniciativa, voltada para quem quer dar o primeiro passo no mercado de trabalho, tem o objetivo de desenvolver as habilidades e competências dos jovens dentro e fora do ambiente empresarial. Atualmente, as empresas dispõem de um quadro de 30 posições, em média, para jovens aprendizes, que são selecionados via banco de talentos, a serem preenchidas de acordo com a disponibilidade ao longo dos meses. Os interessados podem se cadastrar na página de talentos das empresas: Europ Assistance Brasil: <http://jobs.kenoby.com/europassistance>. CEABS Serviços: <http://jobs.kenoby.com/ceabs>.